

# RENAASCENÇA

FOLHA LITTERARIA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

ASSIGNATURAS

PROVINCIAIS

Por tres mezes. . . 2\$000  
Por seis . . . 3\$500

REDACTORES

Santos Junior, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida e  
Teixeira Duarte.

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres mezes. . . 1\$500  
Por seis . . . 2\$50

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 28 DE AGOSTO DE 1878

NUM. 2

## RENAASCENÇA

Rio, 28 de Agosto de 1878.

O trabalho é um gigante que abate os espiritos fracos e inconstantes, e elles sempre amesquinhando-se vão vegetar na ociosidade, no vicio, na perdição e na miseria.

Nós, porém, ainda que fracos, ousamos encará-lo face a face. Diante delle sentimos precarias as nossas forças, mas pensamos em nosso dever e trabalhando, trabalhando sempre, havemos registrar em nossas consciencias o cumprimento de um dever ou a satisfação de uma vontade.

Desde que o homem, ser sociavel, comprehendeu a sua missão sobre a terra, desde que a humanidade foi sempre se multiplicando e se congregando, e desde que começaram a se desenvolver as faculdades do homem, e cada vez mais descobriam novas imperfeições em seu papel sobre a terra, e, consequencia de sua sociabilidade, os misteres da vida começaram a apparecer: o homem teve necessidade de uma linguagem por meio da qual podesse communicar aos seus semelhantes os seus pensamentos, e de um signal que lhe recordasse factos passados.

Creou-se a linguagem, o modo de falar. Fez-se uma convenção universal.

Por uma série de factos, penosa de se descrever, nasceram os diversos idiomas ou linguas; o qual a outra necessidade que immediatamente se apresentou?

A universalidade dos signaes. Formou-se ou convencionou-se essa universalidade: o tempo aperfeiçoou-os.

A mocidade compete agora servir-se desses elementos, tel-os por ponto de partida e ir sondar os arcanos de Minerva. Em tudo isto, porém, está o trabalho. Nós o abraçamos: a nossa divisa nol-o exige.

E' elle o nosso elemento, a penna nossa espada, a ignorancia nosso inimigo e o terreno a conquistar — a instrucção.

No bico da penna dos sabios ha um movimento, nesse movimento uma revolu-

ção intellectual, que é finalmente uma victoria alcançada á ignorancia.

Se não tivermos inteira confiança na penna jámais triumpharemos na luta contra a ignorancia em favor da instrucção, que é o que ha de mais util a um paiz.

O cidadão, que tiver trabalhado em favor desse tão grande elemento do progresso, tem cumprido um dever de patriota. Ella é a verdadeira prova pela qual se deve julgar um povo e não pelos seus costumes. Nella está a liberdade, e o povo que a tiver adquirido pôde desasombrado fitar um horisonte de immensas grandezas, e calmo e desculoso atravessar o mar da vida sem temer o perigo.

Finalmente ella é o facho de luz que allumia e alimenta o espirito da humanidade!

## LITTERATURA

### A MISSAO DA MULHER

A donzella ajoelha-se ante o altar.

O mancebo a imita.

Entreçam as mãos.

O sacerdote pronuncia algumas palavras e abençoa-as.

Trocam os aneis de alliança.

Está consummada a cerimonia singela e grave do matrimonio.

Dois seres que se amam, dois corações que se comprehendem, duas almas que se estreamecem, estão eternamente ligadas perante Deos e os homens.

Os élos dessa cadeia eterna, élos brandos e sagrados, que não roxeam os pulsos nem enfilecem, constituem a familia, que é um dos mais solidos pedestaes da sociedade, a familia — barreira opposta á devassidão dos costumes, a familia — principio primordial da moralidade dos povos.

Como não deve estremecer de jubilo de anhelos vagos, de sensações ignotas e de doces temores o coração da donzella!

Como!

Ella vae trocar todo seu passado, um passado de flôres, os carinhos da mãe, os beijos do pai, por um futuro desconhecido!

Por um futuro que ella sonha apenas atravez de prismas illusorios!

Ella vae trocar a corôa de virgem, essa corôa candida de flôres de laranjeiras, aureola brilhante que lhe resplandece na fronte, pela corôa radiosa de esposa e mais tarde pela corôa sublime de mãe.

Dupla corôa cercada de constellações scintillantes!

Dupla missão divina confiada ao seu coração terno e bondoso!

O que ha ahi de mais bello e mais nobre?

O que ha ahi de mais tocante e augusto?

Ser esposa! ser mãe!

Ser esposa é uma missão difficil.

Ser mãe é ainda mais.

Ser mãe! Que responsabilidade immensa! que responsabilidade tremenda!

Ser mãe!

Guiar os primeiros passos vacillantes de um ente novo que surge do nada; ensinar-lhe a balbuciar as primeiras palavras; fazer-lhe soletrar os primeiros principios de uma moral sã, pura e racional; implantar-lhe no espirito incerto as noções de uma religião sublime, isenta de superstições banaes, grosseiras e odiosas; incentivar-lhe no animo o amor da virtude, de tudo quanto é grande e bello, e o desprezo pelas vaidades e pelos vicios; formar enfim o futuro homem, é uma missão que, bem entendida, torna-se espinhosa e ás vezes impossivel.

E' triste dizel-o, mas é uma verdade... uma verdade cruel!

E' a consequencia logica de um erro funesto, enraizado em nossos costumes: — a falta de instrucção na mulher!

A pouca instrucção que ellas recebem nas escolas primarias, essa mesma é tão mesquinha, tão acanhada, tão defficiente, tão falta de criterio, que não as torna aptas para desempenharem a sua sagrada missão na terra!

A familia é a base da sociedade.

Na familia representa a mulher o mais santo e o mais bello papel: — o de formar o futuro homem.

Da educação da mulher, portanto, nós

assim o pensamos, depende a prosperidade de uma nação.

Eduque-se, pois, a mulher; quebrem-se de uma vez estes preconceitos estultos; dê-se-lhe uma instrução sólida e variada e teremos bons cidadãos, uma sociedade moralizada.

O.

## A VIDA DO CAMPO

A vida do campo é um romance em que a natureza associa-se ao homem em toda a sua existência.

Nelle ella sempre risonha, magestosa, e attrahente desprende-se do Creador e vem como que ajudar o homem a suportar as contrariedades da vida.

Esquece-se dos seculos que a tem tentado, embalde, modificar, rejuvenesce, apresenta a face bella de ingenua donzella e sorri aos mortaes.

Oh! quão doce e agradável não é a vida do campo!...

Quem dirá que esse viver não é viver, e que essa vida é insípida e sem encantos?...

A natureza dá-lhe tudo quanto ha de bello, encantador e magestoso, desenrolando aos olhos do homem o mais perfeito quadro do Creador. Apresenta vastas campinas verdejantes e cobertas de arvores floridas, immensas pastagens onde um sem numero de animaes pascem durante o dia e a noite. Despede de sua verde coma um aroma agreste que enebria os habitantes do campo e vai incensar as habitações. Tudo respira fragrancia!...

O canto do gallo vem sonoro despertar o lavrador que apressado deixa o leito para respirar o ar saudavel da madrugada e ver nascer o dia, pondo tudo em actividade.

Meia hora depois a esposa o imita. Começam os trabalhos caseiros.

Depois de ter visto o sol magestoso coroar os cimos das montanhas e á sua chegada o denso nevoeiro se rarefazer, depois de ter tomado uma chicnra de aromatico café, dirige-se para o trabalho.

Sua mulher administra o caseiro.

As crianças, essas travessas crianças de nove annos, antes do nascer do sol abandonam o leito e correm ao pátio, vão ver as gallinhas, os porcos, os carneiros, os bois e finalmente vão ver ordenhar o leite ás vaccas no espaço curral dos bois. Ah! passam-se as mais innocentes scenas infantis da vida campestre: ah! vê-se a perfeita imagem do homem no paraíso — a innocencia.

Todas as travessuras, sem intenção malevola, elles praticam. Ora tocam a vacca, arriscando offender o escravo que munge o leite, ora bolem com um boi carancudo que alli está ao pé ruminando ora dão com um pão na testa de um novilho que se appproxima e ora açulam os cães atraz dos porcos. Tudo isto é acom-

panhado de phrases que traduzem a innocencia destes habitantes do campo.

De repente somem, ninguem mais os vê.

A hora da primeira refeição vem reunir a familia.

Sentam-se á mesa onde as crianças não cessam de mecher nos pratos, ora querendo este, ora aquelle que é mais pintado, ora preferindo esta áquella iguaria, até que o velho pai lhes imponha silencio com um ar severo e ao mesmo tempo cheio de bondade.

A dona da casa, sempre vigilante e incansavel, anda neste constante va-e-vem, da sala para a cozinha e d'alli para a sala.

Acabada esta primeira refeição tudo volve ao trabalho.

O lavrador pega em um grosso pão que lhe serve de bordão e dirige-se á lavoura. Sua mulher recomeça os trabalhos de casa, as crianças vão correr pelo campo, armar laços para apanhar passarinhos e fazer toda a sorte de travessuras.

O sol continua sereno a sua carreira. Na hora em que os seus raios ficam perpendiculares á terra tudo parece completamente quedo. Lá sob os densos arbustos os passarinhos interrompem de quando em quando o silencio que reina no espaço. Os animaes procuram a fresca sombra das copadas arvores, os insectos zumbem no espaço e ao longe ouve-se o canto estridente e dissonante da cigarra.

Só o homem no seu trabalho não sente o sol abraçador e continua a revolver a terra.

Finalmente sôa a hora da segunda refeição. Todos reúnem-se em casa.

O calor ardente da hora, o exercicio do pesado trabalho e de longas caminhadas dão ao lavrador uma cor vermelha, e no seu rosto vê-se errar um sorriso de satisfação vendo sua mulher e filhos que inciosos o esperam. Estes, de tanto correr e pular pelos campos, apresentam tambem essa cor angelica e rosada propria á entis fina de que são dotados, e offegantes de cansaço correm a seu pai para contar-lhe as innocentes aventuras do dia, e quasi elle com um paternal sorriso e com a verdadeira alegria do pai, applaudindo.

Naquelle constante trabalhar no campo sempre reinam a alegria, a paz do espirito, o verdadeiro amor pelo mundo e a verdadeira apreciação da natureza.

Finalmente o sol fuge e a noite vem reunir esses pobres mortaes em torno de uma tosca mesa em suas habitações.

Ahi, durante uma longa conversa verdadeiramente campestre, o somno vem convidal-os ao repouso.

T. ETRAUD.

Rio, 27 de Agosto de 1878.

## PARTE SCIENTIFICA

Embora haja uma differença assaz sensivel entre a vida do homem e o vegetal da flôr, ha contudo no seu viver peculiar

phases bem semelhantes as os considerarmos sob aspectos que dividimos em phisicos e moraes.

Trataremos em primeiro lugar dos phisicos.

A flôr, desabrochando ao romper d'alva mostra-se bella, louça e alforacada com o matutino e benevolo pranto do céu, cujos pingos assemelham-se a finos brilhantes engastados em suas petalas; mais tarde, castigada pelo rigor do ardente sol, emmurcheca; porém recuperando novamente seiva prodigalisada pelo rocio nocturno dura mais, até que finalmente pendida sobre sua tonue haste entrega as filhas delicadas aos caprichos da inconstante brisa.

Homens semelhantes a estas flôres vemos que, nutridos pelo leite materno, fazem-se membros da sociedade; mas eis que adoeceem; tornam-se fracos e acabrunhados até que á força de medicamentos, recuperam a saúde, o alento e o vigor perdidos; finalmente vem o anjo da morte com seu inexoravel alfauge ceifar uma vida, talvez, bem chorada pela sociedade.

Assim como as flôres ao desabrochar são colhidas por impia mão, assim tambem alguns mortaes têm a felicidade de o respirar por pouco tempo o ar vital, evocados pelo anjo da morte.

Flôres ha que vegetam sempre rachiticamente, embora procurem o desvelado jardineiro todos os meios a seu alcance para dar-lhes seiva; porém apenas conseguem prolongar-lhes o triste vegetar, até que um dia mirradas pelo sol são levadas nas azas do tufão.

Assim como estas flôres, vivem homens sempre doentes, prolongando com remedios sua vida tão tristonha.

O Altissimo compadecido de seu viver de dôres os tira desta terrena morada, onde, talvez, maiores revezes os aguardem, o livra-os deste abysmo de illusões e misérias chamado por nós—mundo.

Depois de havermos feito um rápido esboço sobre a comparação da vida do homem com o vegetal da flôr, quanto ao seu holo phisico, passaremos a fazer a mesma comparação sob o aspecto moral.

Promettimos ser breve não só pela escassez da materia de que nos occupamos como tambem porque o tempo urge.

A rosa, que incontestavelmente merece o titulo de rainha das flores, ostentando-se bella e vaidosa no jardim, attrahe a cubica e a attenção geral; e como que parece sorrir com desdém para as demais flores que a circundam.

Hoje orgulhosa do seu aroma que enebria os sentidos, de sua belleza que seduz, de sua cor que revela a pulchreza, não se recorda de que amanhã poderá ser mirrada pelos ardentes raios da alampada Phebea, ou desfolhada por mãos grossas e arremessada em um immundo charco.

Anhelando ser colhida, para mostrar seu resplendor nas salas, fare comtudo a mão que a colhe, querendo deste modo patentear seu enfado.

Symbolo perfeito da rosa é a donzella vaidosa, fascinante e altiva, como aquella flor, quando olhando sobranceira e com desdém parece dizer: — Vós não me excedeis em graças, em formosuras e prendas naturaes.

Como a rosa, arde em desejos de ser amada, contemplada e admirada; como a rosa, affecta desprezo, menoscabo aos seus observadores e admiradores, e fere o coração daquelle que, louco e inexperiente, deixou-se prender pelos seus atractivos.

Pobre louquinha! nem sequer pensa no futuro... julga ser perpetua a sua belleza.

E no entanto amanhã uma enfermidade póde desfigurar-lhe o semblante que, outr'ora objecto de admiração, então o sorá de espanto e de horror!...

Ella chora, lastima-se, recorda-se com pungente saudade dos dias felizes.

Porém o pranto não lhe restitue a belleza, e a lembrança do passado augmenta-lhe as dores, porque esses mesmos, de quem ella outr'ora desdenhava, hoje a avitam... desprezam-na!

Finalmente vem a morte, e aquella belleza outr'ora tão esplendente confunde-se, agora, com a vil argilla.

Inteiramento opposta á rosa é a violeta: seu aroma é agradável e ameno, sua cor revela a modestia, pura, sem affectação; entretanto occulta-se entre as suas folhas, parecendo assim querer viver ignorada do mundo, e somente conhecida pelo orvalho, seu caro amigo, que lhe humedece o caliz e lhe dá alento.

Nada se assemelha tanto á violeta como a virgem pura, bella e pudibunda; esta trahese pela modestia, aquella pelo perfume.

\* T. M.

## RABELAIS

(TRADUÇÃO)

Os genios são oppostos, as armas de tempera diversa, na luta empenhada, no seculo XVI, contra a idale media, que resiste á morte, restringindo-se apoz as instituições quando terminou nas idéas; resistindo ainda nos conventos, nos parlamentos, na Sorbone, isto é, no proprio seio da morte, quando é vencida pelo espirito de vida. Violento e cruel combate onde brilha o reflexo do gladio catholico que assassinou Raimus, e o clarão das fogueiras dos calvinistas que queimaram Serveto.

A idale media é acommetida pelos philologos, Budé, os Etienne, Etienne Dolet; pelos poetas, Marot, Ronsard, Joaquin du Bellay; pelos reformadores e pelos juristas.

Os philologos, restaurando as letras antigas, manifestam a identidade da alma do mundo. Os poetas, pela riqueza de seus versos, o arrojio de suas concepções, a belleza de suas rimas e o grande esplendor de suas inclinações attestam o fim das mortificações; cantam ao romper da aurora e ao orvalho

fresco das manhãs dos dias que vão nascer, passaros azues como o céu.

Os reformadores destronam a autoridade romana em proveito da consciencia que saudam como a rainha do mundo. Os juristas, do pó e das cinzas das leis feudaes, ressuscitam o direito e preparam a igualdade civil.

Por sua vez Rabelais apodera-se de todos estes elementos. Porém sua arma destruidora, sua espada afiada, reluzente, sua formidavel espada de Gargantua, é a ironia. A ironia, com effeito, é o estylo mais commum dos livros que o despotismo ou o fanatismo de seu tempo obrigam a occultar, sob seu véo, a justiça, a verdade e o futuro.

Luciano, Petronio empregavam a ironia nos momentos de cadencia. Aulugello imitou-os em sentido contrario, que entretanto dá o mesmo resultado.

A' colera soberba eisonina do Juvenal succede o motejo de Marcial. A satyra dantesca dorme sobre o marmore de Ravenna, e eu vejo escapar-se rindo, das dobras de suas roupagens funebres a zombaria subtil de Bocace e de Ariosto.

A Italia, sob este ponto de vista, tinha precedido a França. Eu fallo da França do seculo XVI, porque ninguem tinha até então igualado a audacia de nossos trovadores e trovistas.

Pulci, amigo de Lourenço de Medicis, em seu poema *Morganle*, toca em tudo que dominava no seculo XV: ecclesiasticos, monarchas, cavalleiros e grandes senhores. Censura indifferente paladinos e monges. Herdeiro dos fabulistas, livre e alegre aldeão da Florença, poeta preferido dos *popolani* *grasse*, sem estylo, sem methodo, segue sua vontade, *capriccioso*, como exprime o termo italiano. *Philarete Chastel*. Satyrica, erodita, voluptuosa, tal era a Italia no seculo XV.

Pulci, Pontano, o Pegge e Politio vestiam voluntariamente o trajo de Pulcinello, deixavam a penna pela espada de Arlequin e folgavam sem tregoa. Annunciavam, trezentos annos antes, o espirito zombeteiro, nivelador, revolucionario de Biderot e de Beaumarchais, o humor ecotico de Parry e muitas vezes a attitude despeitada de Piron e de Védé, a corrupção licenciosa de Crébillion. Nisto eu reconheço o amavel e bom senso dos romances philosophicos de Voltaire. *Candido*, *Zadig*, *Ingénuo*, *Mecromégas*, são os predecessores dos condes italianos. São facilmente reconhecidos por certo ar de parentesco que é o espirito juntamente com a graça. Rabelais, formado na escola italiana, avivou, com seu bom humor gaulez, o espirito italiano; excedeu sua altivez e sua graça; completou o sorriso de Pulci e de Ariosto com o riso satisfactorio de Grandgouier. Deu á satyra a grandeza da epopeia.

E' Homero salpicado de palme dormindo e roncando sob a latada.

T. DEARTE.

(Continua.)

## POESIA

### EXCAVAÇÕES REALISTAS

II

O SUICIDA

Os vagalhões do mar batiam soluçantes  
Nas pedras ponte-agudas da praia ora deserta,  
E iam deslizar ao longe nas areias  
A que a lua cheia dava uma cor incerta.

E entre montões de pedra, desfigurado, inerte  
Eu vi um corpo quieto co'a lividez da morte,  
E lancei a maldição eterna ao oceano  
Que havia dado ao homem aquella negra sorte.

Na amplidão rexoavam uns gemidos soltos  
E ouvi uma voz dizer: o corpo que sem vida  
Jaz prostrado p'ra sempre na praia entre rochedos  
Não foi victima minha, é o corpo d'um suicida.

Oh! mar! oh! justo e bom! oh! doce pensador  
Perdão, oh! tu que abriste leal e sem receio  
Ao desgostado que habita já a eternidade  
O que o mundo negava, o seu immenso seio.

O que é o mundo? Um cão de aspecto hediondo  
Que morde o seu senhor quando elle o acaricia  
Misto do que é mau, um pantano invisivel,  
Calos onde não surge a luz clara do dia.

Per mim eu aborreço as musas idéaes  
E quando ouço en gemer a miséria, n'um canto,  
Os gritos de afflicção do plebeu que agonisa  
A criança de fome debilhada em pranto,

E d'outro lado, as musicas, festivas, continuas,  
Nos bailes dos canalhas que indo uzam gravata,  
Os bancos e as acções a referver em praça,  
E a consciencia vender-se por montões de prata;

A torpe barregan, amante idolatrada,  
Passejar publicamente de braço co'os Romeus  
E a sociedade com idéaes sorrisos  
Nos salões radiante abrir-lhe os braços seus.

Ao contemplar então a miséria que horrorisa,  
Nos antros em que habita a legião dos pobres,  
E ouvindo logo perto as canções festivas  
Que ressoão ecoando nos salões dos nobres,



Quizera ser eu mesmo a propria Providencia  
Ter a raiva intensa do animal feroz,  
E c'um grande bisturi, enorme, sem medida,  
Rasgar o ventre immenso dessa fera atroz.

Oh! morto que descanças lá na paz eterna  
Se por milagre enfim volvestes tu á vida,  
Olhando o teu algoz vêl-a-hias rindo,  
Tranquillo se encobrin-do com luz amortecida.  
24 de Agosto de 1878.

R. M. DOS SANTOS JUNIOR.

### DEVANEIOS

Quando as aguias do espaço  
Tombarem tristes ao chão,  
E o arbusto mais viçoso  
Vergar com o rijo tufão;  
As aves desanimadas  
Não soltarão mais seus cantos,  
As plantas serão mirradas  
E do céu não virão prantos.

Quando o nauta, — alma batida  
Pelos vendavaes do norte,  
Retonar, pois, sua barea  
Ao mar iracundo e forte,  
Quando a fonte estiver quèda  
E, jánuais agua jorrar,  
E minha alma fôr tristonha  
D'alegria se agradar;

Então meu corpo é exangue,  
Meu falar tristes gemidos,  
Meu nome barco encalhado  
Nos mares dos esquecidos...  
A desgraça densa nuvem  
Que vem dos céos destemida,  
Ennegrecer de repente  
Meu horizonte de vida.

E quando eu vir neste mundo  
Negarem a mim pobre pão,  
E eu andar pela rua  
Com a voz cravada no chão;  
Do oitar teu rolirão...  
Umás lagrimas sentidas  
Como meios applicados  
Sobre almas já perdidas.

Côrte—78.

ARTHUR A. ARAUJO.

Longe, bem longe do torrão natal,  
Triste, pensando no futuro meu,  
De ti recórdo com amor ainda  
Lembrado embora do desprezo teu!

Tudo que queira, men amor, eu juro,  
Viver no mudo sei de ti lembrar,  
Não posso, ao menos, um instante só  
Passar do dia sem em ti pensar...

Emquanto tu, que me juraste amor,  
Que muitas vezes me pediste um beijo,  
Já me repelles para um outro amar.  
Calculando aos pés o teu jurar seu pejo!

Triste, pensando nos ultrages teus,  
Com pena vendo o teu soffrer bem perto;  
A Deus envio meu assíduos rogos  
Pra que te ausente ao perigo certo!

De noite e dia em trabalhar sem fim;  
Volvendo os olhos no passado meu,  
De ti recórdo com amor ainda  
Lembrado embora do desprezo teu!

V. SILVA.

O...

E's bella como a rosa abrindo o caliz  
Ao lindo despontar do claro dia;  
E's bella como a rola nos arbustos  
Desprendendo seu ralo de harmonia!

E's bella como os cantos maviosos  
Dos passaros, de tarde, cá no sul;  
E's bella como a estrella scintillante  
Que borda brandamente o manto azul.

E's bella como as nuvens que vagueiam  
Pelo espaço, tocadas pelo sol;  
E's bella como a lua temerosa  
Apressada fugindo do arrebol...

E's bella como as ondas argentadas  
Pelos raios da lua n'ampidão;  
E's bella como a flor, ao romper d'alva  
Batida pela brisa, em solidão.

E's bella como a endina preguiçosa  
Mansamente vagando pelo mar...  
E's tão bella... meo Deus, tantas bellezas  
Eu, pobre, não as posso desenhar...

AVELLAR ANDRADE.

Rio—78.

### VARIEDADE

Uma palavra sublime de amor maternal.—Um  
sujeito encontra n'um cemiterio uma senhora  
vestida toda de preto.

— Que é isso? diz-lhe elle; ha tanto tempo  
que anda de luto por seu filho?

A mãe respondeu singelamente:

— E elle não continuava a estar morto?

Oh! mãis! Vós tendes para a expressão de  
vosso amor uma linguagem particular, como  
dos anjos!

Certo individuo, tendo ido visitar um dos  
seus amigos, notou na queixa na sua bibliotheca.

— Empresta-me esse livro? disse o primeiro.

— Não, respondeu o outro, pois é um origi-  
nal, e tu bem sabes que os originaes nunca sa-  
hem das livrarias.

Um sujeito, extraordinariamente feio, diri-  
giu-se a um famoso pintor para lhe tirar o retrato.  
Acabado este, todos o acharão fiel, menos o dono,  
que muito se zangou da semelhança, e disse que  
não pagava e nem o queria. O retratista, longe  
de affligir-se, nenhuma duvida pôz em ficar com  
o retrato, e por ultimo disse muito satisfeito.  
Como o Sr. não quer o seu retrato, eu lhe porei  
um rabo, e o venderei na minha taboleta por  
«macaco».

### ANNUNCIOS

#### TYPOGRAPHIA

## COSMOPOLITA

31 Rua do Regente 31

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho  
concernente a arte typographica.

Typ. COSMOPOLITA rua do Regente n. 31